

## EDITORIAL

### **Podemos e devemos estender o conceito de Cinema?**

João Angelo Fantini

“Todo homem culto é um teólogo” o alerta de Jorge Luís Borges poderia resumir a urgência e a necessidade nestes tempos pandêmicos de cada vez mais nos instruímos sobre a imposição de entender mais e melhor as imagens e sons que nos rodeiam, na busca de organizar os sentidos do fluxo da vida. Talvez como em nenhuma outra época, ao menos com tamanha incidência, todos estamos de uma forma ou de outra, ilhados, tendo que nos comunicar com o mundo através de fotos, textos, sons, músicas, na tentativa de romper com aquilo que, para o humano, representa sua maior tortura, a solidão.

O cinema, para além dele mesmo, é uma arte que nos ensina a olhar outras artes e mídias, na medida em que é fonte de inúmeras outras formas de expressão que vão da educação ao entretenimento. Forjado ao longo de mais de um século, ele foi capaz de criar códigos de representação da realidade que se tornaram invisíveis para o espectador médio, mas que são, ao mesmo tempo, uma forma de ideologia (no sentido positivo do conceito), na medida em que nos mostra através dos enquadramentos, aquilo que nos é dado a ver.

Neste nosso tempo, a percepção vital de ler imagens e sons modulam nosso imaginário e por consequência, nosso modo de entender questões que estão profundamente enraizadas na nossa forma de viver, como a política, a religião, a intolerância, o amor, a sexualidade. O Cinema, como organizador de produtos culturais, serve de guia a uma maior e melhor fruição estética da realidade que, ao fim de tudo, nos lembra que no reino da guerra de narrativas que vivemos é preciso estar atentos e sabiamente fortes para escapar das armadilhas midiáticas montadas diariamente à nossa frente.

Posto o desafio das Novas Mídias e da “indústria do Streaming”, será mesmo, que no presente momento da produção audiovisual - onde as séries avançam em número, qualidade e interesse dos espectadores - deveríamos situá-las (especialmente no campo

dos estudos acadêmicos) à parte da experiência cinematográfica? Tenho feito há anos essa provocação tentando identificar o que pode haver de resistência fundada na “tradição” ou ancorada em argumentos formais, para entender porque, já passados quase um quarto do Século XXI, as séries (por exemplo) quase não se apresentam (ou pouco) como objeto de estudo no mundo acadêmico.

Acredito mesmo que, cada vez mais, será difícil estabelecer limites a partir – por exemplo – do formato, para sustentar essas diferenças. Penso mesmo que as novas formas audiovisuais devem alavancar um avanço no campo de estudos do cinema e do audiovisual, trazendo novas formas de entender as possibilidades de imersão (ou assujeitamento) do sujeito/espectador, ampliando nosso entendimento sobre a produção que já está em curso e sobre aquelas que chegarão.